

Recebido: 25/06/2016
Aprovado: 11/11/2016

A Coroa e a fé: os pilares da sociedade. Sollicitudo Omnium Ecclesiarum: a luz da carência de orientação gerada pela Independências da América

Rebeka Leite Costa*

Resumo: *Uma das mais polêmicas ordem religiosa da Igreja Católica, os jesuítas, tem, no final do século XVIII e no início do século XIX, o auge da sua crise institucional e existencial. Inicialmente, marcado pela expulsão da Ordem de reinos católicos – Portugal, França e Espanha até em 1773, o papa Clemente XIV, por meio da Bula Dominus ac Redemptor, suprime a Companhia de Jesus. Após quarenta e um anos de exílio, lutas e apelos, os jesuítas foram restaurados à sua ordem por meio da Bula Sollicitudo Omnium Ecclesiarum. A Companhia retorna em um momento muito curioso, isto porque o papa, que estava prisioneiro de Napoleão, havia voltado a Roma e as independências nas Américas exigiam uma resposta do papado.*

Palavras-chave: *Papado, Jesuítas, Independência das Américas.*

Abstract: *The most controversial religious order of the Catholic Church, the Jesuits, has in the late eighteenth century and the early nineteenth century, the height of its institutional and existential crisis. Initially marked by the expulsion of the Catholic kingdoms' Order - Portugal, France and Spain until 1773 when Pope Clement XIV, by the Dominus ac Redemptor, abolishing the Society of Jesus. After forty one years of exile struggles and appeals, the Jesuits were restored to their order through the Bull Sollicitudo Omnium Ecclesiarum. The Company returns in a very curious moment, because the pope who was Napoleon's prisoner had returned to Rome and the Americas' independence required a papal response.*

Keywords: *Papacy, Jesuits, Americas' Independence.*

* Mestranda do Programa de pós-graduação da Universidade de Brasília. Bolsista da Capes.

A conquista das Américas foi fundamentada na associação entre a coroa e fé. O poder temporal e o poder religioso eram unidos e indissociáveis, sobretudo, as Coroas Ibéricas e a Igreja Católica tinham uma relação muito estreita, remanência da questão cruzadista. Neste cenário, destaca-se a Companhia de Jesus, criada por Santo Inácio de Loyola em 1534, resultado da Contrarreforma, com a conquista do Novo Mundo o horizonte de expectativa se amplia e as necessidades de evangelização representam uma verdadeira carência pastoral para a Santa Sé que vê a oportunidade de ganhar território pastoral. Não por acaso esta ordem é certamente a mais influente da história colonial das Américas.

Os jesuítas têm o auge da sua crise institucional e existencial entre o final do século XVIII e início do século XIX. Inicialmente, marcado pela expulsão da Ordem de reinos católicos – Portugal, França e Espanha até em 1773¹, o papa Clemente XIV, por meio da Bula *Dominus ac Redemptor*, suprime a Companhia de Jesus. Após quarenta e um anos de exílio, lutas e apelos, a Companhia de Jesus foi restaurada por meio da Bula *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum*. O poder eclesiástico, baseado na matriz tradicional², revoga uma ordem papal importante e representa, naquele universo de significados, uma quebra de paradigmas. As motivações do papa Pio VII, para romper com a tradição e se contrapor oficialmente ao seu antecessor, foram para si e para seus pares relevantes que não resvalaram, suficientemente, a sua autoridade ou corrompeu a cátedra.

Novamente, as Américas apresentam papel protagonista nessa narrativa, pois, o conjunto das independências e das guerras civis dos países desse continente, originaram tamanha desorientação e ausência de poder que geraram uma carência de uma orientação pastoral³ frente ao papado. A primeira resposta foi o silêncio da Santa Sé quanto ao mérito, todavia, o papado não permaneceu inerte, providenciou uma resta pragmática de consolidação e constituição de sentido nos termos de evocação da doutrinação católica a restauração dos jesuítas.

A importância dos clérigos no processo de emancipação também passa por uma questão material em uma sociedade como a platina - periférica aos fluxos econômicos tradicionais (Cf. BETHELL, 2000: 19-72, 119-186) - pois a quantidade de homens letrados era pouca. Desta forma, pode-se verificar que os possuidores desse benefício tinham um poder inerente no espaço social e político, na arena das ideias e na propagação dos ideais de

¹ 21 de julho de 1773

² A narrativa que confere o poder eclesiástico é predominantemente apoiada na tradição.

³ Aqui usa-se o termo carência de orientação como evocado por RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica. Teoria da História: os Fundamentos da Ciência Histórica*. Brasília: Ed. UNB, 2001.

autonomia e autodeterminação. A narrativa religiosa era usada ora a favor da independência, ora contra a depender da função e das ambições da posição na via pública e o interesse em preservar posições de influência no vice-reinado, possivelmente, sem a hipoteca à Coroa espanhola.⁴ De forma direta por meio da hierarquia: clérigos, bispos, núncios e por meio indireto da formação, educação, escolaridade de forma que a ação da Igreja Católica é patente. Neste caso, os jesuítas tiveram papel notório, haja vistas as inúmeras escolas e instituições de ensino as quais regiam papel que foi extinto com a expulsão desses no século XVIII. Na restauração, tal papel foi reafirmado frente ao desafio imposto – o da modernidade.

A Visão da Santa Sé

Ao longo dos últimos anos do século XVIII e das primeiras décadas do século XIX, a Igreja Católica sofria fortemente com as mudanças do mundo contemporâneo. De fato, a Revolução Francesa havia rompido com os paradigmas estabelecidos: o poder divino dos monarcas e o poder temporal do papa. (Cf. BETHELL, 2000: 19-72, 267-276). Esses paradigmas foram denunciados e combatidos pelo anticlericalismo dos ideais iluministas. A revolução materializou as ideias que pairavam há algum tempo sobre o ambiente europeu e, certamente, a audácia de Napoleão de fazer cativo o papa Pio VII foi o ato mais emblemático que enfraqueceu o poder do papado. Ademais, deve-se considerar que, especialmente no caso do poder religioso, o caráter simbólico é essencial. (Cf. ELIAS, 2001: 97-160). No caso, a imagem sacra do papado foi maculada com a prisão de Pio VII e a autocoroação de Napoleão.

Após as guerras napoleônicas, ocorreu em grande parte da Europa a onda restauracionista, fruto do Congresso de Viena que entendia a aliança do religioso e do político como fundamental para a manutenção da ordem. Obviamente a Santa Sé tinha um destacado papel no jogo político. As coroas ibéricas eram consideradas aliadas – uma das únicas alianças que se poderia considerar-, e diante daquela situação, o alto clero não tinha muitas possibilidades de ação no cenário político. Nesse ambiente, o papado se viu confrontado a um desafio pastoral e político: as independências das Américas, enquanto ainda tentava se

⁴ As múltiplas narrativas e a posição pendular da Santa Sé conforme se demonstrou nos estudos: ROCHA, Carolina da Cunha. *Chama De Fé, Luz Da Razão: O Ideário De Frei Servando Teresa De Mier No Contexto Das Independências Hispano-Américas*. 2006. 365 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília. ROCHA, Regina da Cunha. *Entre o trono e o altar: A Política Pendular Da Santa Se No Reconhecimento Das Independências Hispano-Americanas*. Brasília, 2002. 187 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília.

recuperar do abalo que havia recentemente sofrido, sobretudo por meio da Santa Aliança. (Cf. LUCENA, 2008: 50 – 52)

Por outro lado, o dilema que enfrentava é que não era apenas uma entidade política, era também uma instituição religiosa tendo dever pastoral – e, sobretudo, seu “*braço*” evangelizador. Provavelmente por isso, a primeira ação diplomática do papado frente às insurreições na América hispânica foi exatamente usar o seu tentáculo catequizador: os Jesuítas.

O papa Pio VII teve um dos pontificados mais conturbados da história e certamente sofreu a mais emblemática afronta à dignidade papal em seu embate com Napoleão. Barnaba Niccolò Maria Luigi Chiaramonti nasceu em 1742 e exerceu o ministério pontifício de 1800 a 1823. Os detalhes do brasão do Papa Pio VII podem revelar evidências da sua personalidade e daquilo que pretendia em seu pontificado. O *Triregnum* (tiara papal) está presente, representando o poder monárquico do papa sobre a terra e o céu. Também estão presentes os três mouros demonstrando a necessidade de evangelização. E a cruz, símbolo dos beneditinos, evidenciando a sua formação eclesiástica. (Cf. DE ARCO, 2012: 123-146)

Brasão de Pio VII⁵



Pouco mais de duas décadas marcaram profundamente a história da Igreja e do mundo ocidental em razão dos intensos embates, conflitos e decisões políticas e pastorais. Entre eles, o primeiro pronunciamento oficial após as independências na hispano América, que se analisa a seguir.

⁵ https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_VII#/media/File:C_o_a_Pio_VII.svg

Sollicitudo Omnium Ecclesiarum

Os jesuítas foram parte importante do processo civilizatório pretendido pela Espanha. A aliança entre a Igreja Católica e a coroa espanhola no século XVI era forte e a relação era simbiótica, diante da Reforma Protestante as coroas católicas que permaneceram fiéis ao papa tornaram-se aliadas poderosas e preciosas. Todavia, o apoio vinha com um alto preço, a constante interferência da monarquia em assuntos eclesiásticos. Nesse contexto, os jesuítas tiveram um papel de protagonismo, inaugurando uma nova relação dentro da estrutura eclesiástica.

A Companhia de Jesus certamente é a mais marcante das ordens religiosas que foram inauguradas na Contrarreforma. A Ordem tinha duas características que se destacavam por responder perfeitamente ao seu tempo e aos anseios da Cúria Romana. A primeira e mais notável característica é a fidelidade ao papa. Há, no voto dos jesuítas, uma especificidade que, até o presente momento, é exclusividade desta ordem - o juramento de obediência ao papa. A instabilidade instaurada pelas guerras religiosas e os diversas cismas que ocorreram da obediência direta ao vigário de Cristo tornava-os um instrumento extremamente eficaz para aquele tempo. Por conta da obediência incondicional a Pedro, os jesuítas foram conhecidos como os “*cachorros do papa*”. Afinal, a relação entre os jesuítas e o papa é direta sem que seja necessário passar por toda a hierarquia eclesiástica e é notável a defesa que fazem da autoridade e dignidade papais. (Cf. RANKE, 1974)

A segunda característica é o carisma evangelizador da ordem que é de um pragmatismo sem precedentes. A evangelização a todos os cantos da terra é, em si, uma característica que atendia ao clamor da Igreja que, naquele período, perdia rapidamente espaço e influência no mundo conhecido. No entanto, quando somado ao voto de obediência papal, representava uma extensão do poder papal – tentáculos, por assim dizer - que permitiam ao papa, ainda que cativo, influenciar e exercer poder. Os jesuítas estavam dispostos a ir onde o papa julgasse necessário, inclusive “até o fim do mundo”. No século XVI isto significava ir ao Novo Continente.

Diante da incerteza que aquele presente representava ao papado, ter uma ordem ligada tão profundamente em corpo e espírito representava um novo ânimo no combate. De fato, os jesuítas representaram o braço da igreja que a levava aos recantos mais afastados do mundo conhecido. Vale ressaltar que, a fidelidade papal dos jesuítas foi uma estratégica inteligente de

um delicado jogo⁶ de sombras no qual são protagonistas o Papa e os reis católicos, sobretudo, os ibéricos. Isto porque, desde as Cruzadas, os reis católicos da Península Ibérica gozavam de um poder sobre a Igreja Católica residente no seu território: o Padroado Régio. (Cf. Furlong, 1957: 7-47). Este poder é decorrente do Cesar papismo que, por sua vez, está ligado à lógica explicativa da origem do poder, na qual se unem a dimensão religiosa e política do poder, permitindo ao poder temporal ter uma expressão do religioso e o poder religioso sobre o político.

A Filosofia, a Metafísica e a Política se unem

Faz-se essencial compreender as premissas que sustentam esse pensamento porque, não há como entender a ação da Igreja Católica desprezando a dimensão política, filosófica e teológica, afinal, esse é o tripé que constitui a mentalidade clerical e religiosa. Justamente esta forma une as três dimensões. A lógica está sustentada nas seguintes premissas: somente Deus que é o detentor de todo o poder, logo apenas Ele pode conferir tal força. A Igreja é este lugar onde reside a autoridade de Deus na Terra, logo a legitimidade d’Ele necessariamente passa pela benção da Igreja. Como o rei católico têm a unção divina, logo paira sobre o usuário legítimo da coroa a dignidade semelhante àquela do clero – de ser a porta voz do poder de Deus na terra.

No entanto, a lógica da origem do poder pressupõe que se compreenda e aceite a verdadeira autoridade da Igreja: a de religar o tempo. Afinal, a base do cristianismo está em que, a partir de um momento específico⁷, o tempo de Deus Káiros (καιρός) e o tempo dos homens Chronos (Χρόνος), são sincronizados⁸ e é a Igreja Católica que faz a intermediação. Lógica esta que fundamentou e inspirou os discursos e as práticas dos atores políticos. Certamente, é uma influência de longíssima duração a qual orienta as decisões práticas de Roma. Obviamente, há mudanças nesta permanência, por mais que a estrutura seja esta, a leitura, e principalmente, a práxis política se alteram.

⁶ As minúcias do jogo estão exemplificadas no estudo de caso no artigo: CERVEIRA, Luis Alexandre. *Jesuítas: entre a fidelidade ao rei e o projeto inaciano. Conflitos Políticos e Disputas Econômicas – O Caso Da Revolução dos Comuneros (Paraguai 1721-1735)*. In: Veredas da Historia ano IV. ED. 1- 2011.

⁷ A encarnação de Deus na terra – Jesus Cristo e posteriormente a eleição de Pedro (“Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus. E o que desligares na terra será desligado nos céus”. João 21:15-17) até hoje representa iconograficamente nas insígnias papais, tais como brasão, bandeira do Vaticano etc.

⁸ A sincronia temporal foi inspirada no primeiro capítulo do livro: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GUNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O Conceito de História*. Tradução: René Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

A questão é que, nos territórios de domínio luso-espanhol, as decisões do papa precisavam do endosso régio. Na prática pastoral ainda existia um agravante, porque os bispos, por vezes, estavam na órbita de influência do rei. Isto porque, parte da discricção do padroado régio era poder definir onde e quem seria responsável pelo trabalho pastoral, também indicado pelos reis. Na prática, grande parte dos bispos era indicada ou escolhida pelos reis em virtude do padroado régio de modo que estes religiosos faziam parte das redes de poder, conseqüentemente, participavam da lógica de serviços e benefícios. Assim, o poder e a fidelidade eram fluídos e se poderia preferir o rei ao papa ou o contrário sem que se incorresse em crime de lesa majestade.

O voto dos jesuítas era reflexo de uma nova era, na qual o papado não podia prescindir das alianças com as coroas ibéricas, todavia, precisava de novas formas de exercer o poder e de expandir a sua influência a despeito da interferência do padroado régio. Não demorou e rapidamente a Companhia expandiu-se para os locais mais inabitáveis do planeta.⁹

Com tamanha projeção ao redor do globo os jesuítas mantiveram alianças e criaram conflitos com o poder temporal, bem como o resto do corpo da Igreja. Afinal, fazia parte da cultura política que envolvia os atores daquele período. No entanto, em razão do juramento a fidelidade papal e da independência que esse voto os conferia, a ordem foi, progressivamente, desgastando a relação com a monarquia. Simultaneamente, em razão dos processos endógenos de poder na Europa, gerava um endurecimento nas relações e nas negociações de poder. Aos poucos findava as negociações de poder em seu lugar a centralização tomava espaço – notoriamente as reformas bourbônicas. O processo culminou naquilo que se conhece como expulsão dos jesuítas a qual os relegou praticamente à extinção, sobrevivendo apenas alguns religiosos sobre proteção direta do papa nos territórios pontifícios e no território da grande Rússia. (Cf. Santos, 1941)

A Importância na formação e colonização da América

“Ide, e fazei discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo até fim do mundo”. A obediência desta ordem em sua forma mais radical constituiu o maior poder e a maior fraqueza dos jesuítas. A importância das Companhias De Jesus reside na

⁹ Os jesuítas estabeleceram e evangelizaram locais remotos e inóspitos como, por exemplo, no recorte geográfico que é o enfoque dessa pesquisa os religiosos ocuparam regiões que até o início do século XX, não foi explorado como no caso do Chaco (o inferno verde). Cf. BANDEIRA, Moniz. Brasil, *A Guerra do Chaco*. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 41, n. 1, p. 162-197, 1998.

capacidade extraordinária de pulverização de sua ordem, para além das reduções jesuíticas ainda existiam os inúmeros colégios fundados, bem como as diversas universidades que verdadeiramente formaram a intelectualidade *criolla*. A ordem tinha a capacidade estrutural de se fazer ouvir nos diversos estratos da sociedade. Sejam por meio dos sermões, catequeses, seja pela educação formal dos níveis mais básicos até o nível superior. A educação superior na colônia era basicamente em teologia e direito. Como formadores dessas duas classes, os jesuítas foram responsáveis por duzentos anos de formação da intelectualidade da colônia, bem como dos atores de poder. Formaram advogados, professores, padres, bispos, escritores e jornalistas.

Em razão da inexistência do padroado régio nas universidades controladas pelos jesuítas, houve, nos primeiros séculos da colonização, uma preocupação e uma desconfiança por parte da coroa, gerando certa insegurança, uma precariedade jurídica. (Cf. GONZÁLEZ, 2002: 1000-1020). Na verdade, o conflito foi dirimido com a coordenação conjunta entre ordens religiosas. As universidades, por conseguinte, estavam basicamente sob o poder dos dominicanos e dos jesuítas, e isso que permitiu a perpetuação do funcionamento de várias universidades, mesmo após a expulsão. Por outro lado, os diversos colégios foram extintos.

Destaca-se que a formação da sociedade colonial, até a década de 1770, estava sobre hegemonia jesuítica, e dos efeitos que não foram apagados pela expulsão. Porque é seguro afirmar que as gerações atuantes entre 1800 e 1820 tiveram formação jesuítica - é o que se observa na biografia dos “heróis” da independência dos países platinos - Francias, por exemplo. (Cf. SCHEIDT, Eduardo, 2005:148-150)

A importância política

As relações de poder da igreja e a cora constituía verdadeira teia de poder. A princípio existiam três focos de poder: O primeiro: o poder do rei (vermelho) para dispor em questões de nomeação e de locação de religiosos e seculares, bem como outras decisões de caráter estratégicos e práticos (como aceitar ou não uma ordem religiosa em seu território). Também tinha uma remanência de poder doutrinário, o qual não fazia uso comumente. O segundo: o poder temporal do papa (amarelo) do seu rebanho de alocar e posicionar estrategicamente. Além da nomeação de bispos, padres, cardeais, abades, monges. O terceiro: o poder doutrinário do papa (roxo) o qual consistia em orientar os fiéis em questões de fé e moral, além de dispor quanto à disciplina.

A rede de poder só é entendida se for posto em perspectiva, a forma de exercer o poder no Antigo Regime, de outro modo, tornava-se uma estrutura impraticável. Ocorre que a negociação de poder e a sobreposição de esfera era a regra. Tratava-se de poderes fluídos e negociáveis, por conseguinte não era uma estrutura piramidal de comando. Nestes termos, o padroado régio não era necessariamente exercido pelo rei, na prática política, as necessidades e negociações locais eram ouvidas e, por vezes, sobrepostas ao interesse da coroa.

Figura 1: Esquema de poder¹⁰

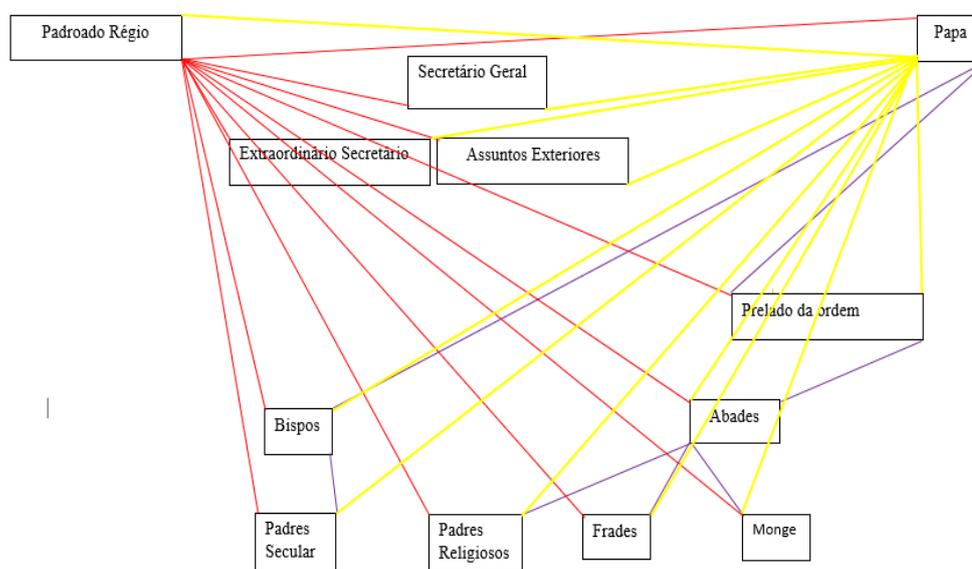
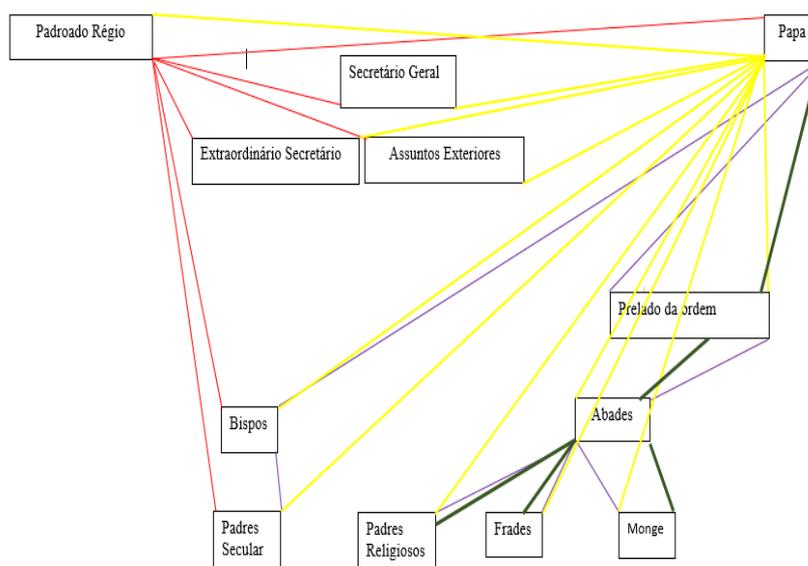


Figura 2: Esquema de poder jesuítas¹¹

¹⁰ Legenda: Poder temporal do papa: linhas amarelas; poder do rei: linhas vermelhas; poder doutrinário da papa: linhas roxas.

¹¹ Legenda: Poder temporal do papa: linhas amarelas; poder do rei: linhas vermelhas; poder doutrinário do papa: linhas roxas; Jesuítas: linha verde.



Resultante dessa estrutura, o ator político local tem verdadeiro poder, ao contrário do que se pensa em uma estrutura de poder clássica piramidal, na qual a base não tem opção – não tem poder. Nesta sociedade, é possível negociar, inclusive, identidades.

Neste sentido, a identidade era uma moeda de troca corrente, pela qual se evocava, ora a suserania da Espanha, ora da autoridade regional, a depender da conveniência. Havia uma preocupação adicional com os membros das congregações religiosas, porque essa reconhecida fluidez era elevada exponencialmente, visto que, por vezes, os religiosos tinham uma nacionalidade adquirida no nascimento (a Espanha, por exemplo), outra em virtude do trabalho missionário, e ainda uma (mais recente) relativa ao poder local. Ora, obviamente havia um jogo de poder no qual se preferia uma autoridade à outra.

Neste sentido, aos olhos da coroa, os jesuítas representavam verdadeiros perigos, pois estavam imunes ao padroado. De modo que a negociação em pé de igualdade à coroa e das elites locais. Isto, agregado ao poder advindo da pulverização, bem como ao capital político de ter acesso privado os ouvidos reais, – como conselheiros e confessores – a Companhia de Jesus chegou a segunda metade do século XVIII como verdadeira potência política, a qual as coroas consideravam incontrolável. Motivo pelo qual a Companhia foi alvo de tanta suspeita, conspiração e perseguição.

Expulsão dos Jesuítas

Os jesuítas, em razão da sua particularidade de obediência papal e por não se submeter ao poder dos reis, constituíram verdadeira ameaça política, segundo a ótica das famílias reais francesas, portuguesas e espanholas. Na década de 60 foram acusados de conspirar contra os poderes monárquicos. Inclusive de vários crimes e atos de traições, até mesmo de estarem envolvidos na tentativa de assassinato do Rei de Portugal José I. (Santos, 1941:111) Acusações essas que, até os dias atuais, são possíveis de verificação quanto à autenticidade,

Independentemente de sua veracidade, os seus efeitos foram incontornáveis. A desconfiança e as relações estavam de tais formas estremecidas entre a coroa e a Ordem que, em 1767, o Rei Carlos III expulsa os jesuítas dos territórios sobre seu domínio. (*Idem*:114). Juntamente com Carlos III, a coroa da França e a portuguesa, quase que simultaneamente, expulsaram a ordem deixando o papado em uma verdadeira encruzilhada política: entre os seus fiéis servos, que haviam crescido a ponto de se tornar verdadeiro Leviatã, e os seus majestosos filhos. O papa Clemente XIV faz uma escolha política e pastoral, a Companhia de Jesus foi suprimida por meio da Bula *Dominus ac Redemptor* 1773.

Aos integrantes da Ordem da Companhia de Jesus foi dada a possibilidade de irem a outras ordens religiosas, aos ordenados, era possível também se tornarem seculares. A ordem religiosa mais escolhida pelos jesuítas foi a ordem franciscana. Eles também foram recebidos nos estados pontifícios. Em razão dos religiosos que permaneceram como jesuítas, a articulação política para a restauração da Ordem não cessou. Várias foram as tentativas, inclusive por meio de uma aprovação verbal *Oraculum vivae vocis* Autorização para reconstruírem-se no norte da Rússia em 7 de março de 1801 – Pio VII. (*Idem*:118-119). Até que, em 1814, Pio VII escreveu a encíclica *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum*, revogando a Bula *Dominus ac Redemptor*, 1773, acolhendo por completo a pretensão dos jesuítas, possibilitando a retomada de casas de formação, colégios, universidades, de ouvir confissões e ministrar os sacramentos. (Cf. DOMINGUES, 2000)

A encíclica

A encíclica *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum* tem uma difícil missão, revogar uma ação papal, não por motivos teológicos ou filosóficos, porque a decisão de Clemente XIV não

tratava de matéria de fé ou de moral, e, mesmo porque, a infalibilidade papal¹² não havia sido declarada. Sobretudo, por se tratar de um momento de tensão política interna e externa ao papado, a decisão poderia ser tomada como um enfraquecimento da instituição. Por essa razão, a carta começa por anunciar:

La solicitud de todas las iglesias confiadas por Dios a nuestra humildad, aunque insuficiente por méritos y por fuerza, nos obliga a poner a disposición todos los medios que están en nuestro poder y que nos son provistos por la divina Providencia para socorrer oportunamente a las necesidades espirituales del mundo cristiano, en tanto lo componen las diversas y múltiples vicisitudes de los tiempos y de los lugares, sin diferencia de pueblos y de naciones. (Sollicitudo Omnium Ecclesiarum, 1814: Parágrafo 1º.)

Não por outro motivo, a retórica deixa transparecer, nas primeiras linhas, a preocupação papal, anunciando que, diante do conturbado momento que atua, não pode deixar fazer uso de “todos os meios” que estão ao seu poder, neste caso, os jesuítas. Desde logo, fica claro, portanto, que a Companhia é necessária – ainda que, por muitos, possa ser vista como um mal¹³.

Em outro diapasão, é possível perceber que Pio VII tentava, constantemente, ter uma propagação e uma narrativa que tivesse uma dimensão abrangente dos acontecimentos. Ao enunciar que o serviço jesuítico era fruto da “*divina Providencia para socorrer oportunamente a las necesidades espirituales del mundo cristiano, en tanto lo componen las diversas y múltiples vicisitudes de los tiempos y de los lugares, sin diferencia de pueblos y de naciones*”. (Sollicitudo Omnium Ecclesiarum, 1814: Parágrafo 1º). Não foi a única vez que o papado fez uma expressa remissão à diversidade e multiplicidades, as quais se impuseram à realidade de seu tempo. Esse traço ficará ainda mais explícito na Encíclica *Etsi Longissimo Terarum*¹⁴, que também começará de maneira semelhante. Denotando uma constante atenção em atingir os mais diversos e distantes fiéis.

O caráter plural da narrativa se apresenta também logo no prelúdio desta encíclica. Isto porque, ao menos na esfera do discurso, a solicitude da Igreja, evocada e conclamada pelo papa, deve estar a serviço de povos e nações indistintamente. O que certamente é notório

¹² A infalibilidade papal foi declarada no Concílio Vaticano I em 1870 - Católica, Igreja. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000. E Buarque, Virgínia Albuquerque de Castro. *A concepção de história na teologia católica do Oitocentos*. (2011).

¹³ Utilizando aqui uma linguagem política maquiavélica - disponível aos atores políticos dessa época e que era de considerável divulgação.

¹⁴ *Etsi Longissimo Terarum* – primeira encíclica escrita exclusivamente sobre o tema das independências das Américas pelo Papa Pio VII (1816).

quando confortado com o momento em que esta carta foi escrita, em 7 de agosto de 1814, poucos meses após chegar a Roma (24 de maio de 1814), após o cativo napoleônico. (PIERRE, 1982.) Além disso, cabe destacar que a carta tem uma preocupação muito específica com a educação dos jovens. Revelando de forma muito precisa uma das motivações que orientou o papado à restauração. Inquietação é apresentada de maneira singularmente expressa quando comparada com as outras encíclicas e pronunciamentos oficiais.

Esto, a fin de que los socios reunidos en un grupo religioso se ocupasen de educar a la juventud en la religión y en las buenas costumbres, a regir seminarios y colegios y, con la aprobación y el consenso de los oriundos de los lugares, escuchar las confesiones, anunciar la palabra de Dios y administrar libremente los sacramentos. Acogemos a la congregación de la Compañía de Jesús bajo la directa tutela y sujeción nuestra y de la sede apostólica, y reservamos a nosotros y a nuestros sucesores decidir y establecer aquellas cosas que nos parecieran en el Señor eficaces para reforzarla, presidirla y purgarla de aquellos abusos y aquellos vicios que acaso se habrían podido introducir. A tal efecto nosotros expresamente hemos derogado de las constituciones apostólicas, estatutos, costumbres, privilegios e indultos. (Sollicitudo Omnium Ecclesiarum, 1814: Parágrafo 3º)

Em tempos de desorientação política e cultural, a educação – verdadeira vocação primária da Companhia de Jesus – era entendida pelo papa como essencial para a restauração da ordem social e política, segundo aquilo, o papado entendia por ser a vontade Divina.

A carta demonstra o entrelaçamento entre a educação na fé e a manutenção dos “*bons costumes*”. Ressalta-se que, para a filosofia católica, havia um entrelaçamento entre o poder divino e o poder temporal, obviamente, a educação era no sentido de doutrinar segundo este preceito. Especialmente, a obediência era essencial nesse âmbito, pois havia uma ligação direta entre a obediência à vontade Divina, ao papa e ao rei.

Ora, não é por acaso que o papado conclama os jesuítas a instituir colégios, pós Revolução Francesa, os ideais revolucionários estavam imbuindo as sociedades e gerando comoções sociais em diversas partes do globo. O ensino tradicional parecia – para a corte eclesiástica – mais do que nunca, essencial para frear os avanços da “modernidade”, de maneira a educar as gerações segundo a “vontade de Deus” na tradição e nos “*bons costumes*”.

Concedemos ahora y declaramos que para atender e instruir a la juventud en las nociones de la religión católica y para adiestrarla en las buenas costumbres, sea su derecho libre y lícitamente regir seminarios y colegios, y con el consenso y la aprobación de los oriundos de los lugares en los cuales

ocurriese que ellos permanecieran, escuchar confesiones, predicar la palabra de Dios y administrar sacramentos. Así, todos los colegios, las casas, las provincias y los socios unidos de tal modo, y que en un futuro se unirán y agregarán, que nosotros los recibimos desde este momento bajo la inmediata tutela, presidio y obediencia nuestra, y de esta apostólica sede, reservando a nosotros y a los pontífices romanos sucesores nuestros establecer y prescribir aquellas cosas que encuentren conveniente establecer y prescribir para fundamentalmente consolidar, dotar y purgar a la propia Sociedad de aquellos abusos, que acaso se hubieran introducido, que remueva Dios. . (Sollicitudo Omnium Ecclesiarum, 1814: Parágrafo 8º.)

Observa-se “, *sea su derecho libre y lícitamente regir seminarios y colégios*” uma oportunidade de que - à revelia da autoridade local – estabelecer colégio, seminários e outros centros de educação – cerne do carisma jesuítico. Isso é extremamente interessante no momento o qual, em várias partes, havia conflito quanto a legitimidade da autoridade temporal. Isto é possível juridicamente porque, novamente, foi permitido aos jesuítas, “*desde este momento bajo la inmediata tutela, presidio y obediencia nuestra, y de esta apostólica sede, reservando a nosotros y a los pontífices romanos sucesores nuestros establecer y prescribir*”. Ou seja, responder-se e obedece-se diretamente ao papa independente do padroado régio.

No momento em que o papado vivia, logo após ser cativo por Napoleão e abandonado por todas as coroas que lhe eram fiéis, nada poderia ser mais preciso do que ter novamente ao seu lado a Companhia de Jesus, especialmente, estando grata por sua restauração. Deste modo, observa-se que do ponto de vista político foi uma estratégia realmente bem pensada. Ainda mais se considerar que, por outro lado, a crise política não permitia que as coroas dispensassem tamanha ajuda.

O erro de cálculo, no entanto, foi a incapacidade do papado de compreender realidades tão diversas: seja do ponto de vista ideológico – ao contrário do que se pensava não eram meras guerras civis, de fato os movimentos e crises políticas geraram uma mudança de mentalidade. E superestimar a capacidade de reabilitação dos jesuítas, que demoraram para se reestabelecerem. Por fim, o quesito da educação não foi uma saída viável, pois, ao contrário do que se pensava, o movimento social de revolta contra o sistema colonial não era apenas uma comoção social, mas verdadeira revolução na mentalidade que tomou dimensões inimagináveis que não pode ser controlada se quer pelos protagonistas iniciais culminando, por fim, nas independências.

Considerações Finais

Os reis católicos, quando expulsaram os jesuítas de seus territórios, não poderiam prever o abalo que iriam sofrer com a modernidade. A Revolução Francesa é conceituada¹⁵ exatamente por romper com o horizonte de expectativa desarticulando a experiência com a previsibilidade de futuro essencial na tomada de decisão política. Deste modo era impossível Carlos III em 1767 se quer imaginar que seu território, quarenta anos depois, seria invadido por um francês autoproclamado imperador e que, com isso, iria perder o controle do seu território ultramarino.

Ainda assim, é possível verificar que a expulsão dos jesuítas foi um erro estratégico político considerando os paradigmas daquele tempo (1767). Isto porque, no Antigo Regime havia dois pilares de poder: a Igreja e a Coroa. Sabia-se perfeitamente a importância do ensino doutrinários e tradicional – tanto que em ambas as orientações papais, *Dominus ac Redemptor* e *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum*, destaca-se o papel da educação (um proibindo e ou outro encorajando). E ao expulsar os jesuítas, o rei destruiu, por assim dizer, um dos pilares que sustentava o seu reinado, o seu poder e a sua legitimidade. Pois se não extinguiu a Igreja desses recantos, certamente mingou sua representatividade.

A forma de poder exercida nos últimos anos do século XVIII e os primeiros do XIX dependia de uma prática política de representações e símbolos. A presença da igreja providenciava a “alfabetização”, nessa linguagem política, e também fazia presente o ausente poder régio. A decisão do Rei Carlos III foi tomada em razão da desconfiança gerada na corte espanhola, que independente da sua veracidade, foi a grande motivação política. Todavia, o rei espanhol não considerou a grandeza e a complexidade de seu reino, sem considerar o impacto no reino além mar.

Quanto à restauração, as independências já haviam eclodido; religiosos foram mortos, fugiram por causa das perseguições, foram excomungados. O resultado: várias dioceses experimentaram um vazio de guia – “como ovelhas sem pastor”. Na sociedade, essencialmente religiosa, a falta de um líder espiritual tem um grande peso, dada a representação daquele campo de significados doutrinários e bíblicos. Logo, aquelas pessoas experimentaram uma desorientação frente à autoridade – generalizando a crise de autoridade,

¹⁵ Conclusão tirada após reflexão dos estudos de KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006; e RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica. Teoria da história: Os Fundamentos da Ciência Histórica*. Ed. UnB, 2001.

tanto no político quanto no religioso, que se enfrentava nesse vazio. De modo que a encíclica não surtiu o efeito esperado pelas coroas que acolheram rapidamente a ordem papal e receberam a Companhia em seus reinos.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias

Encíclica *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum*- Papa Pio VII (1814).

Encíclica *Etsi Longissimo Terrarum* - Papa Pio VII (1816).

Encíclica *Etsi Iam Diu* – Papa Leão XII (1824).

Fontes Secundárias

BANDEIRA, Moniz A *Guerra do Chaco*. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 41, n. 1, p. 162-197, 1998.

BETHELL, Leslie (Coord.). *História da América Latina*. 2. ed. São Paulo, SP: Ed.USP, 2000. (v.III)

CERVEIRA, Luis Alexandre. *Jesuítas: entre a fidelidade ao rei e o projeto inaciano. Conflitos Políticos e Disputas Econômicas – O Caso Da Revolução dos Comuneros (Paraguai 1721-1735)*. In: Veredas da Historia ano IV. ED. 1- 2011.

Católica, Igreja. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000

DE ARCO, Fernando et al. *Heráldica eclesiástica*. Emblemata: Revista aragonesa de emblemática, n. 18, p. 123-146, 2012.

DELGADO, Paulino Castañeda. *Relaciones Iglesia - Estado en Hispanoamérica. Gregorio XVI*. In: Homenaje a Alberto de la Hera. Universidad Nacional Autónoma de México, 2008. p. 171-198.

DOMINGUES, Beatriz Helena. *As Repercussões Da Expulsão Dos Jesuítas Nos Movimentos Independentistas nas Américas Espanhola e Portuguesa*. Belo Horizonte, 2000 in Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC. ISBN 85-90387-1-2.

FURLONG, Guillermo S. J. (1957). *La Santa Sede y la Emancipación Hispanoamericana*. Buenos Aires. Ediciones Tehoría.

GONZÁLEZ, Enrique González. *Precariedad jurídica de las universidades jesuíticas en el Nuevo Mundo*. Gesuiti e università in Europa, p. 1000-1020, 2002.

HALPERÍN Donghi, Tulio. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 324 p.

HERRERO, Pedro Pérez. *Las Independencias Americanas; Reflexiones Historiográficas Com Motivo del Bicentenario*. Cuadernos de Historia Contemporánea, v. 32, p. 51-72, 2010

KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GUNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O Conceito de História*. Tradução René Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. *Futuro Passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LUCENA, Manuel Salmoral. *História de Iberoamérica*. 3. ed. Madrid: Cátedra, 2008. 3 v. (Historia. Serie Mayor).

NÚÑEZ, Jorge. *La Revolución Francesa y la Independencia de América Latina*. Nueva Sociedad, n. 103, p. 22-32, 1989.

PIERRE, Pierrard. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982.

RANKE, Leopold von. *Historia de los papas en la epoca moderna*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1974. 628 p.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. *Teoria da história: Os Fundamentos da Ciência Histórica*. Ed. UNB, 2001.

ROCHA, Carolina da Cunha. *Chama De Fé, Luz Da Razão: O Ideário De Frei Servando Teresa De Mier No Contexto Das Independências Hispano-Américas*. 2006. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília.

ROCHA, Regina da Cunha. *Entre o trono e o altar: A Política Pendular Da Santa Se No Reconhecimento Das Independências Hispano-Americanas*. Brasília, 2002. 187 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília.

SANTOS, Mattathias Gomes dos. *OS JESUÍTAS: no Brasil, na história e o breve do papa Clemente XIV*. Rio de Janeiro: Cent Bras Publ, 1941.

SCHEIDT, Eduardo. *O processo de formação dos Estados nacionais na América Latina*. História Unisinos, v. 9, n. 2, p. 148-150, 2005.